

**ENSINO, VIVÊNCIA E APRENDIZAGEM DO FUTEBOL/FUTSAL:
EMERGÊNCIA DE UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA DIALÓGICA E
CONSCIENTE**

**TEACHING, EXPERIENCING AND LEARNING FOOTBALL/FUTSAL:
EMERGENCE OF A DIALOGICAL AND CONSCIOUS PEDAGOGICAL
PRACTICE**

**ENSEÑANZA, EXPERIENCIA Y APRENDIZAJE DEL FÚTBOL/FUTSAL:
EMERGENCIA DE UNA PRÁCTICA PEDAGÓGICA DIALÓGICA Y
CONSCIENTE**

Mariana Zuaneti Martins

<https://orcid.org/0000-0003-0926-7302> 

<http://lattes.cnpq.br/7281518704205888> 

Universidade Federal do Espírito Santo (Vitória, ES – Brasil)

marianazuaneti@gmail.com

Osmar Moreira de Souza Júnior

<https://orcid.org/0000-0002-2915-5634> 

<http://lattes.cnpq.br/9176123942671062> 

Universidade Federal de São Carlos (São Carlos, SP – Brasil)

osmar@ufscar.br

Riller Silva Reverdito

<https://orcid.org/0000-0003-0556-9151> 

<http://lattes.cnpq.br/3357837391641002> 

Universidade do Estado de Mato Grosso (Cáceres, MT – Brasil)

rsreverdito@unemat.br

Resumo

O futebol/futsal ocupa um importante espaço no cotidiano das pessoas, indo dos jogos/brincadeiras nas ruas e praças, meios de comunicação à política e à economia. Porém, os aspectos que alcançam os processos de ensino, vivência e aprendizagem ainda estão distantes da dimensão da relevância do futebol/futsal. Assim, o objetivo deste ensaio é abordar o futebol/futsal em três cenários, com foco na prática pedagógica. Os cenários alcançam a formação profissional, o futebol/futsal de meninas e os futebolis e diversidade. O compromisso com uma prática pedagógica consciente/intencional no ensino do futebol/futsal é uma pauta emergente e precisa ser abarcada por uma agenda programática.

Palavras-chave: Futebol; Pedagogia do Esporte; Futebol de Mulheres; Diversidade.

Abstract

Football/futsal occupies an important space in people's daily lives, ranging from play in the streets and squares, media to politics and the economy. However, the aspects that affect the teaching, experience and learning processes are still far from the relevance of football/futsal. Therefore, the objective of this essay is to approach football/futsal in three scenarios, focusing on pedagogical practice. The scenarios include professional training, girls' football/futsal and soccer's and diversity. The commitment to a conscious/intentional pedagogical practice in teaching football/futsal is an emerging agenda and needs to be covered by a programmatic agenda.

Keywords: Soccer; Sport Pedagogy; Women's Football; Diversity.



Resumen

El fútbol/futsal ocupa un espacio importante en la vida cotidiana de las personas, desde los juegos en las calles y plazas, hasta los medios de comunicación, la política y la economía. Sin embargo, los aspectos que inciden en los procesos de enseñanza, experiencia y aprendizaje aún están lejos de la relevancia del fútbol/futsal. Por tanto, el objetivo de este ensayo es abordar el fútbol/futsal en tres escenarios, centrándose en la práctica pedagógica. Los escenarios incluyen la formación profesional, el fútbol/futsal femenino y el fútbol y la diversidad. El compromiso con una práctica pedagógica consciente/intencional en la enseñanza del fútbol/futsal es una agenda emergente y debe ser cubierta por una agenda programática.

Palabras clave: Fútbol; Pedagogía Deportiva; Fútbol Femenino; Diversidad.

INTRODUÇÃO

O futebol/futsal são algumas das expressões mais eloquentes da cultura esportiva do brasileiro, estando cada vez mais presente na vida das pessoas, indo dos jogos/brincadeiras de ruas aos grandes eventos esportivos (MOREIRA; REVERDITO, 2023). Falar e ouvir sobre futebol/futsal é corriqueiro, seja nas expressões do dia-a-dia, na dança, na música, na arte. De tão presente, encontramos suas expressões na forma de vestir, nas cores. De tão presente, parece que já nascemos sabendo jogar futebol/futsal.

Do ponto de vista pedagógico, sendo o futebol/futsal um fenômeno sociocultural, não nascemos sabendo, mas aprendemos. No entanto, infelizmente, pautados em concepções de que algumas pessoas nasceram para jogar e outras não, foram estabelecidos os modelos considerados corretos para o jogo acontecer e os corpos que poderiam ou não jogar futebol/futsal. Esse tem sido um dos principais desafios colocados à Pedagogia do Esporte: convencer professores/treinadores/as de que futebol/futsal é ensinado e, com isso, romper com a lógica de que o jogo é apenas para algumas pessoas.

Neste ensaio buscamos apresentar a experiência com o futebol/futsal em três cenários diferentes, tendo como pilar o compromisso com o sujeito do jogo. O primeiro cenário consiste no ambiente da formação profissional, com foco em profissionais atuando ou interessados em atuar no futebol/futsal. O segundo cenário consiste em um projeto de ensino e vivência do futebol/futsal para meninas. Por fim, o terceiro é o cenário do projeto futebol e diversidade, que propõe acolher os corpos diversos que o futebol rejeitou.

FORMAÇÃO PARA ENSINAR FUTEBOL/FUTSAL: A IMPORTÂNCIA DO INVESTIMENTO NO DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL

Pode parecer contraditório, mas não é! Falar sobre ensinar futebol no país do futebol é um imenso desafio. O argumento de que nascemos com o dom para jogar coloca os





aspectos pedagógicos no terceiro tempo das prioridades no plano para o desenvolvimento do futebol/futsal, cabendo aos/às olheiros/as encontrarem os talentos e, depois, aprimorar as suas habilidades/capacidades, com o objetivo de atender a demanda das grandes arenas do espetáculo esportivo. Ainda no campo do contraditório, mesmo que o futebol esteja cada vez mais presente em nosso cotidiano, infelizmente ainda não é um esporte acessível a todos/as. Romper com essa conjectura demanda reconhecer a necessidade de uma política ampla de formação continuada e o desenvolvimento de uma prática pedagógica dialógica e consciente.

Sendo um fenômeno humano, sociocultural, é preciso estar convencido de que futebol é ensinado; que todos/as são capazes de jogar em algum nível, sendo responsabilidade do/a professor/a tornar o jogo possível a todos/as. Logo, esses foram os principais desafios enfrentados no curso de especialização *lato sensu* em 'Pedagogia do Esporte: ensino-treino do futebol e futsal' (360 horas), realizado no período letivo 2022-2023, oferecido pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) em parceria com a Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), financiado pelo programa Academia e Futebol do Ministério do Esporte. Mesmo que seja possível reconhecer avanços no futebol/futsal em relação ao processo de ensino e aprendizagem, percebemos que a lógica de que 'nascemos sabendo jogar (inatismo)' ainda ocupa o imaginário e a crença dos treinadores/professores (SCAGLIA; REVERDITO, 2016).

No contexto do curso de especialização os/as professores/as tiveram suas crenças confrontadas com outros modelos de explicação para o processo de ensino, vivência e aprendizagem do futebol/futsal (SCAGLIA; REVERDITO, 2016), além do acesso a pesquisas baseadas na prática e a experiência de outros contextos compartilhadas na turma (clube, escola de esportes, projetos sociais, aula de Educação Física escolar). Esse processo de reflexão ocorrendo no contexto de um projeto de desenvolvimento profissional, realizado em um ambiente facilitador para comunicação interpessoal e constante autorreflexão, mobilizou novos saberes para a prática pedagógica (CONTI, 2022). O resultado do processo pode ser observado nos trabalhos de conclusão de curso, tanto em relação aos conceitos incorporados nos respectivos textos, títulos e palavras-chaves, como no interesse por projetos de ensino, vivência e aprendizagem no futebol/futsal.

Outro aspecto que observamos foi em relação ao número de mulheres, sendo apenas 4 para um total de 36 inscritos/matriculados no curso. Essa situação vai ao encontro daquilo que estudos têm apontado sobre a participação das mulheres no futebol/futsal, que





ainda é um espaço ocupado predominantemente por homens, inclusive na formação para atuar no futebol/futsal (PASSERO et al., 2020; GUIMARÃES; BARREIRA; GALATTI, 2023). Em face a essa situação, concordamos com Passero (2020) e Guimarães, Barreira e Galatti (2023), as quais apontam para a importância de as mulheres ocuparem os espaços de formação e maior representatividade nos cargos de liderança. Formar professoras/treinadores para liderarem ambientes facilitadores para o engajamento e processos de ensino e vivência do futebol/futsal para outras meninas/mulheres ainda é desafio (SILVA; MARTINS, 2023a).

No programa do curso de especialização foi oferecida a disciplina de 'Desenvolvimento do futebol de mulheres', ministrada por uma professora doutora especialista em futebol, contemplando as barreiras históricas e culturais, aspectos pedagógicos do ensino para a participação das meninas e mulheres e a formação de profissionais para atuação no futebol de mulheres. Além de contemplar especificamente a agenda do desenvolvimento do futebol de mulheres, o curso permitiu às mulheres se reconhecerem representadas profissionalmente e protagonistas nesse ambiente. Ainda, aos professores, homens, a oportunidade de refletir e o reconhecimento de aspectos culturais que impediram às mulheres de vivenciarem plenamente o futebol/futsal. Por fim, importante destacar que 50 % do quadro docente do curso foi de mulheres.

Assim, a implantação de programas de formação continuada, seja por meio de cursos de curta duração (até 40 horas) ou em nível de pós-graduação lato sensu (360 horas), pode ser uma política estratégica para o desenvolvimento do futebol/futsal, especialmente pela oportunidade de falar das demandas que alcançam de forma direta a prática pedagógica. Ou seja, trazer a formação para o primeiro tempo das prioridades para o desenvolvimento do futebol/futsal. E, ao falar em uma política, significa que não pode ser uma ação isolada e descontínua. Ainda, que precisa acontecer de forma descentralizada e ser acessível financeiramente, considerando características regionais e diferenças sociais.

Falar em avanços no ensino e aprendizagem no futebol/futsal passa por decisões que sejam capazes de favorecer uma agenda programática e interinstitucional de investimento no desenvolvimento profissional (REVERDITO; COLLET; MACHADO, 2022). Logo, apenas um curso de formação não será suficiente. É preciso uma agenda multidimensional e duradoura no tempo. O curso de especialização lato sensu 'Pedagogia do Esporte: ensino-treino do futebol e futsal', pode ser considerado uma experiência exitosa, seja como ambiente de problematização da prática pedagógica como em relação aos produtos que foram gerados





(livro, artigos, capítulos de livros) e as mudanças provocadas nos respectivos projetos de desenvolvimento profissional.

O futebol/futsal é um fenômeno humano, carregando consigo um pouco de cada um depois do jogo jogado (MOREIRA; REVERDITO, 2023). Então, ninguém tem mais ou menos do jogo; todos e todas contribuíram o suficiente para continuar jogando. A permanente reflexão e compromisso com a qualidade da prática pedagógica é fundamental para tornar o jogo possível. Logo, a emergência por uma política de investimentos contínuos no desenvolvimento profissional para atuar no ensino do futebol/futsal.

APRENDENDO A ENSINAR O ESPORTE COM AS MENINAS

Em uma pesquisa etnográfica de 18 meses em uma escolinha de futebol exclusiva para meninas, observamos o que constituía um ambiente propício para o envolvimento delas na prática do futebol e identificamos os fatores que favoreceram tal engajamento (SILVA, MARTINS, 2023a). O primeiro fator foi a criação de ambientes seguros tanto fisicamente quanto emocionalmente (SILVA; MARTINS, 2023b). A decisão de estabelecer turmas exclusivas para meninas dentro da escolinha de futebol foi uma maneira eficaz de proporcionar esse ambiente seguro, porque lhes permitia o engajamento onde elas eram protagonistas. As meninas relataram que, quando jogavam com meninos, tinham poucas oportunidades de participação no jogo, vivenciavam o medo de cometer erros devido às zombarias, sentiam-se inseguras e, muitas vezes, eram impedidas de jogar (SILVA, MARTINS, 2023a). Portanto, para que elas se sentissem à vontade para ingressar em uma escolinha de futebol mista, ela precisaria já ter sido introduzida anteriormente na modalidade (o que é raro, uma vez que, no Brasil, o futebol, assim como a maioria dos esportes, é visto como atividade masculina) ou possuir uma grande resiliência para enfrentar as constantes situações de exclusão. Quando faziam parte de turmas exclusivamente femininas, elas relataram que se sentiam mais confortáveis para tentar, assumir riscos e moldar o ambiente de acordo com suas preferências, o que era benéfico tanto para o prazer quanto para o aprendizado (SILVA, MARTINS, 2023a).

Como resultado, as turmas exclusivas para meninas podem contribuir para criar um ambiente mais igualitário, onde o jogo se desenvolvia de maneira mais cooperativa. Muitas vezes, projetos esportivos possibilitam a participação de meninas em turmas predominantemente masculinas. Embora isso seja importante, em geral, as meninas são minorias e muitas vezes ficam invisibilizadas entre todos os outros meninos. Em contrapartida,





a existência de um espaço exclusivo para as meninas também proporcionou mais visibilidade à participação esportiva de meninas, o que contribui para atrair outras meninas para a prática do esporte (SILVA; MARTINS, 2023a).

Embora ter espaços exclusivos para as meninas tenha sido de suma importância em nossos contextos de pesquisa e de intervenção, é fundamental atentar também para a geografia de gênero na ocupação dos espaços. Isso porque muitas vezes as meninas tendem a ocupar as periferias (OLIVEIRA; DAOLIO, 2014). Por isso, ocupar os espaços tradicionalmente dominados por meninos também contribui para que as meninas se sintam valorizadas, pois desafia a distribuição desigual de poder dentro do contexto esportivo hegemônico (SILVA; MARTINS, 2023a). Ou seja, é fundamental para que as meninas se sintam valorizadas e incluídas nesse ambiente.

Outro fator que contribui para a adesão de meninas ao esporte é a visibilidade que a mídia dá ao esporte feminino. A literatura tem registrado a importância das "modelos de referência" para inspirar e gerar reconhecimento para meninas e mulheres em espaços e práticas que são reconhecidas como masculinas. Isso porque a existência de mulheres atletas de reconhecido desempenho esportivo contribui para tensionar estereótipos da "feminilidade problemática" vinculada a uma suposta inaptidão física das meninas (OLIVER; KIRK, 2015; MEIER, 2015). Na etnografia na escolinha de futebol, a existência de turmas femininas combinada com o aumento da visibilidade do futebol de mulheres ocasionado, em especial, nos anos de Copa do Mundo, geraram resultados positivos, fazendo com que muitas meninas demonstrassem interesse em experimentar a prática, especialmente porque ela se apresentava como um espaço onde podiam estar com suas amigas, desfrutar do jogo, celebrar juntas suas conquistas e sucessos, e expressar corporalmente suas experiências que abrangem diversos contextos e momentos (SILVA; MARTINS, 2023a).

Do ponto de vista pedagógico, as meninas demonstram que os momentos de jogo são os mais gratificantes, especialmente quando estes jogos são adaptados para permitir que elas assumam papéis protagonistas. A literatura fala da importância em reconhecer o contexto, significado e personagens que frequentam o ambiente de ensino, aprendizagem e vivência do esporte para, a partir dessas informações, tomar as decisões sobre as mediações pedagógicas (GALATTI et al., 2014). O olhar sensível ao gênero é um adendo importante a essa equação que a pedagogia do esporte sugere já que essas personagens apresentam singularidades culturais que precisam ser consideradas, resultados de interdições, invisibilidades e anos de proibição





de muitas práticas esportivas às mulheres (MARTINS; SILVA, 2020). Isso implica em estabelecer regras e espaços que se adequem ao estilo de jogo delas, promovendo, assim, uma competição equitativa.

Outro aspecto interessante que é proporcionado pelo jogo, mas que também merece atenção especial na construção dos planos e aula é de proporcionar momentos de interação social. Construir um sentimento de comunidade e de pertencimento àquele espaço contribui para que as meninas continuem voltando e que se sintam acolhidas e chamem outras garotas para participarem.

Além disso, observamos que o "jogo livre" por si só não inclui todas as meninas e tende a desmotivar tanto as mais habilidosas quanto as iniciantes, de modo que é necessário pensar a construção de jogos de forma contextualizada e não aleatória (REVERDITO et al., 2022). As meninas reconheciam a importância do contato com a bola para o seu desenvolvimento e o jogo formal muitas vezes não proporcionava abundantes contatos para todas elas (MARTINS; SILVA, 2020). Nesse sentido, jogos adaptados contribuem para que elas se arrisquem mais e vençassem a insegurança em tentar uma jogada ou movimento que não tivessem tanta destreza.

Como resultado, identificamos que a pedagogia esportiva pode fazer uma contribuição significativa para a inclusão das meninas, sobretudo quando combinada com as reflexões dos estudos de gênero (MARTINS; SILVA, 2020). Isso implica considerar de forma deliberada e sensível às questões culturais quem são as pessoas que praticam esporte, especificamente, quem são as meninas praticantes. Isso requer colocá-las no centro do processo de ensino-aprendizagem, levando em consideração todas as suas particularidades culturais. Significa, portanto, analisar com cuidado e questionamento as prescrições, evidências e diretrizes que geralmente são derivadas da participação de meninos e homens no contexto de treinamento esportivo.

Ouvir para planejar: estratégias que contribuem para a inclusão de meninas

Com base no que temos ouvido das meninas, trabalhamos nosso planejamento a partir de algumas estratégias que são sempre mediadas pela escuta sistemática. A primeira estratégia é criar um ambiente onde as meninas se sintam seguras para jogar, um empreendimento coletivo no qual elas também desempenham um papel fundamental. Isso envolve a construção de um ambiente seguro e colaborativo, onde cada menina se sinta





responsável pelo aprendizado das colegas, e onde seja possível desenvolver um projeto que atenda aos interesses e expectativas das participantes de forma coletiva (SILVA; MARTINS, 2023b). É importante promover discussões sobre as barreiras e dificuldades que as meninas enfrentam ao acessar e permanecer no esporte, buscando maneiras de superá-las (OLIVER et al., 2009).

No cerne desse processo, o jogo desempenha um papel central, conforme também apontam as abordagens emergentes da pedagogia esportiva. Na nossa experiência diária, seja trabalhando com meninas, adolescentes ou adultas durante o processo de iniciação esportiva, identificamos que alguns jogos tendem a funcionar bem, com as devidas adaptações, é claro. Isso inclui jogos da cultura lúdica e de rua, muitas vezes desconhecidos por elas, assim como jogos situacionais com superioridade numérica, que são eficazes para a iniciação. Além disso, adotamos regras que protegem a posse de bola para proporcionar mais tempo de leitura do jogo e tomada de decisões, evitando a dinâmica de "batata quente". Evitamos regras excessivamente restritivas, pois elas tendem a diminuir a autonomia e não são tão proveitosas para melhorar a capacidade de jogo. Em vez disso, enfatizamos o desenvolvimento da capacidade de jogar em conjunto e da cooperação.

Em segundo lugar, reconhecemos a importância de ensinar aspectos históricos e culturais relacionados ao futebol feminino (MACHADO et al., 2015). Valorizar a cultura esportiva é um fator que estimula o entusiasmo e a adesão à prática esportiva, e somente por meio desse entendimento podemos transformar contextos marcados por desigualdades, como mencionado anteriormente. Portanto, nosso foco não se limita apenas a ensinar a jogar futebol, mas também a abordar o futebol como objeto de estudo e reflexão.

A terceira lição que extraímos da nossa experiência com as meninas é a importância de ouvi-las atentamente. Embora isso possa parecer evidente, muitas vezes, como adultos, presumimos muitas coisas sobre as crianças. Mesmo quando temos um olhar atento, podemos deixar de criar situações que priorizem a escuta ativa das meninas. Esse processo não ocorre de forma instantânea; é gradual e, por vezes, desafiador encontrar uma linguagem comum para nos comunicarmos com elas e estarmos dispostos a considerar seus interesses genuínos e a reconhecer as áreas de expansão do conhecimento e perspectivas. Como resultado, é fundamental criar espaços sistemáticos de escuta e utilizar o que ouvimos das garotas para tomarmos as decisões para os planejamentos de treino (OLIVER; KIRK, 2015). Com esse objetivo, estamos cada vez mais investindo na construção de estratégias de co-construção de





aulas e dos espaços-tempo de treinamento, a fim de promover um ambiente de inclusão efetiva delas.

FUTEBÓIS E DIVERSIDADE: UMA EXPERIÊNCIA DE ACOLHIMENTO DOS CORPOS QUE O FUTEBOL REJEITOU

Futebóis e diversidade é um projeto de extensão iniciado em maio de 2022, na Universidade Federal de São Carlos, sob a coordenação do ProFut (Grupo de Estudos e Pesquisas dos Aspectos Pedagógicos e Sociais do Futebol). O projeto Futebóis e diversidade está inserido nas ações do ProFut que contaram com financiamento do Programa Academia & Futebol, da Secretaria Nacional de Futebol e Defesa do Direito do Torcedor (SNFDT)/Secretaria Especial de Esporte/Ministério da Cidadania/Governo Federal. Conforme anunciado pelo título desta seção, a proposta do projeto consistiu em estabelecer um espaço de acolhimento para pessoas que ao longo de suas vidas sofreram com experiências das mais variadas formas de violência em suas tentativas de incursão pelos gramados e quadras de futebol/futsal. Esses corpos rejeitados pela matriz hegemônica daquele que denominamos como futebol moderno são, sobretudo, as mulheres e pessoas LGBTQIA +.

Antes de contar um pouco da história do projeto Futebóis e diversidade, a título de problematização e preparação do terreno no qual iremos “jogar”, passamos a palavra para nosso amigo Bernardo Gonzales, que é professor e militante de causas sociopolíticas, em especial às que se referem às pessoas LGBTQIA +, jogador de futebol amador, atuou na coordenação e no elenco do primeiro time de futebol de homens transexuais que ganhou visibilidade no Brasil, o Meninos Bons de Bola (MBB). Bernardo se identifica como pessoa transmasculina em vez de homem trans ou trans homem. Ele acredita que pessoa transmasculina é uma identidade com maior capacidade de explicar a complexidade de sua jornada no mundo enquanto uma pessoa não cis. Além disso acredita que não é um homem em função de sua experiência no mundo ser distinta dos homens e prefere manter sua trajetória paralela a esse conjunto de significados marcando a diferença e trazendo à tona a importância da diferença ser elo de realidade sobreposto ao elo de “igualdade” (BONFIM; GONZALES, 2023). Transcrevemos a seguir seu relato encharcado de amor (pelo futebol) e dor (causada pelo mesmo futebol):

Até meus 10 anos de idade eu lidava com a frustração jogando bola, rezando e esperando essa transformação divina para “corrigir o que não estava certo





em mim". Essas regras sociais do que é pronunciável, autorizado e aceitável são responsáveis por produzir a noção de cisgenderidade como única possibilidade de existir, o que vai definir o que é certo e o que precisa ser "corrigido". É claro que as noções de gênero impregnadas em mim desde o nascimento não carregaram nome até que eu me entendesse uma pessoa trans aos 25 anos, mas foram elas que inomináveis até os 25 produziram todo tipo de silenciamento, violência e cerceamento, sobretudo e principalmente na minha curta jornada enquanto alguém que sonhava em se profissionalizar no futebol.

Dos 10 anos até o momento eu ouço coisas ruins quando jogo futebol. Até os 19 anos eu ouvi que jogar futebol não era coisa de menina e que, portanto, eu só poderia ser algo abominável que merecia ser esculachada dentro e fora das 4 linhas. Alguém que não era "mulher suficiente e tampouco poderia ser homem.". Nas noites que antecediam jogos importantes eu não deixava de dormir pela ansiedade de fazer um bom jogo, mas a angústia ininterrupta e o medo de que a torcida ou qualquer outra figura que compunha a estrutura do jogo me desestabilizassem anunciando "sapatão" ou as marchinhas lesbofóbicas e transfóbicas do tipo "maria sapatão, sapatão, sapatão. De dia é Maria e de noite é João" (GONZALES, 2023, p. 276).

É sobre esses episódios da transfobia (ou outras formas de violência estrutural) cotidiana que nos referimos ao reivindicar espaços seguros e acolhedores para os corpos rejeitados pelo futebol. Bernardo foi um desses corpos que, como ele mesmo descreve, precisou de um período de hibernação para elaborar tanta violência que o futebol representou em sua vida:

Como tudo aquilo que não nos representa fui me desinteressando por futebol paulatinamente. Adorava ver jogo, mas nada do que eu via ou ouvia fazia qualquer menção a minha existência, embora a emoção de ver o time que você torce fazendo gol ainda hoje, esteja viva dentro do coração. Dos 19 aos 29 anos o que eu vivi foi uma longa hibernação em relação a essa paixão pela prática do futebol. Dá pra contar nos dedos quantas vezes entrei em quadra nesse período, mas hibernar o futebol, permitiu que eu me conectasse politicamente com essas histórias e produzisse essas releituras, deslocando dores e constrangimentos para o lugar em que ambas as sensações deveriam estar desde o início, de denúncia e anúncio de que a prática esportiva não é, nem nunca foi direito garantido de todos os corpos (GONZALES, 2021, s/p).

Imaginemos quantos Bernardos hibernam por conta dessas violências indizíveis? Aliás, quantos simplesmente apagam o futebol de suas vidas para não precisar reviver episódios da transfobia (ou lesbofobia, ou misoginia, ou homofobia etc.) cotidiana que procura enquadrar o futebol como uma experiência reservada para homens cis e heteroafetivos (ou que no limite performam a heteroafetividade)?

Desde a gênese do projeto Futebóis e diversidade, idealizamos uma proposta que buscasse ensinar futebol a todos, todas e todes, mas, sobretudo a jovens cujas experiências com o futebol tenham sido frustrantes ou se sentiam de alguma forma desconfortáveis nos





contextos atravessados pelo futebol. Assim, assumimos como princípio basilar a garantia do direito das pessoas a aprender e se sentirem confortáveis no universo futebolístico. Partimos da premissa da garantia de direitos às pessoas à margem do futebol por considerarmos que o lugar de privilégio daqueles já inseridos e aceitos no universo futebolístico tradicional lhes garante o livre acesso a outros espaços e experiências de ensino/treinamento/prática da modalidade, que são formal ou informalmente interditados àquelas/es consideradas/os como corpos dissonantes nesse universo demarcado por uma masculinidade dominante que busca silenciar ou apagar expressões alternativas de masculinidades, feminilidades ou outras identidades não-binárias (SOUZA JUNIOR et al., 2023).

De acordo com Souza Junior et al. (2023), interpelar a condição canônica do futebol moderno pelos futebolís emergentes do paradigma da transmodernidade (DUSSEL, 2016) nos permite a problematização daquilo que para muitas pessoas configura-se como a situação-limite (FREIRE, 2020). Para Paulo Freire (2020) as situações-limite revelam-se quando os seres humanos se encontram imersos no mundo em uma perspectiva a-histórica e fatalista, análoga aos animais, que não assumem o controle sobre suas vidas e não transformam sua realidade, apenas a aceitam passivamente e sobrevivem. Em contrapartida, “ao se separarem do mundo, que objetivam, ao separarem sua atividade de si mesmos, ao terem o ponto de decisão de sua atividade em si, em sua relação com o mundo e com os outros, os homens ultrapassam as ‘situações-limite’, que não devem ser tomadas como se fossem barreiras insuperáveis, mais além das quais, nada existisse” (FREIRE, 2020a, 125).

Em sua dimensão fatalista, as situações-limite impede que as pessoas exerçam sua vocação ontológica e histórica de ser mais (FREIRE, 2020), desumanizando-os/as. Paulo Freire (2020, p. 40) sustenta que o “ser mais” representa a vocação ontológica e histórica dos seres humanos como seres inconclusos, com vistas à humanização, que se afirma “no anseio de liberdade, de justiça, de luta dos oprimidos, pela recuperação de sua humanidade roubada”.

A condição dialógica, crítica e libertadora dos futebolís, ao interpelar “cânones sagrados” como “futebol é jogo pra homem” ou “agressividade faz parte do futebol”, nos permite esperar o inédito viável (FREIRE, 2020) em que o futebol é jogo para todes, todas e todos e no qual o futebol pode ser solidário, amoroso, gentil. No processo de desvelamento das situações-limite, desmascarando sua suposta condição fatalista de determinante histórica, os seres humanos passam a identificá-las “não mais como ‘fronteira entre o ser e o nada, mas como uma fronteira entre o ser e o mais ser’, se fazem cada vez mais críticos na sua ação,





ligada àquela percepção. Percepção em que está implícito o inédito viável como algo definido, a cuja concretização se dirigirá a ação” (FREIRE, 2020, p. 130).

Em seu desenvolvimento, o projeto assume a dinâmica de uma comunidade de aprendizagem (HOOKS, 2017), com ênfase na dialogicidade e nas relações baseadas no respeito, na confiança e na solidariedade. A professora e intelectual estadunidense bell hooks (pseudônimo adotado por Gloria Jean Watkins) afirma que a ideia de comunidade de aprendizagem pressupõe uma organização relativamente horizontal dos/as envolvidos/as no processo educativo, assumindo que o/a professor/a continua sendo detentor/a de um poder conferido por sua posição social, ou seja, a autora não sugere que sejam todos/as iguais, mas que existe sim uma relação de igualdade na medida em que todos/as estão igualmente comprometidos/as com a criação de um contexto de aprendizado.

As aulas sempre iniciadas com rodas de conversa estabelecem a horizontalidade da comunicação respeitosa e escuta atenta em que todas as falas são valorizadas e consideradas nas ações que se sucedem. Um excerto do plano de aula que descreve a roda de conversa da primeira aula do Futebolis e diversidade reafirma esses valores que orientam os princípios basilares do projeto.

Aula 1 (15/05/2022) – Acolhimento

Roda de diálogo

Apresentação - direito à privacidade (justificativa sobre o formulário) (Nome; Pronome; Idade; Comunidade UFSCAR ou não?; História com o futebol; Expectativa com o projeto)

Demandas para jogar bem: ter controle de bola; aprender a ocupar o espaço de forma inteligente e saber se comunicar com companheiros e contracomunicar com adversários; (fala importante: comunicar que as atividades provocarão constrangimentos nesses aspectos do jogo)

Quem já joga será apoio, ajudará a ensinar, o que exige aprofundar-se no conhecimento.

A dialogicidade que orienta as ações do Futebolis e diversidade justifica-se pelas máximas defendidas por Paulo Freire em *Pedagogia do Oprimido*, segundo as quais: “ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens [as pessoas] se libertam em comunhão” e “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens [as pessoas] se educam entre si, mediatizados pelo mundo”. Os depoimentos de algumas pessoas participantes do projeto referendam tais pressupostos, conforme podemos observar no relato de DiMon (os nomes dos e das participantes foram substituídos por nomes fictícios sugeridos por eles/elas próprios/as, visando preservar suas identidades e direito à privacidade) (SOUZA JUNIOR et al., 2023):





Conheci o projeto por meio de cartazes colados perto do restaurante universitário. Achei interessante por mencionar a diversidade e pensei que poderia ser mais um espaço que reproduziria as lógicas heteronormativas, afinal sempre foram homens heterossexuais que sabiam e praticavam futebol durante minha história de vida e, por ser mês do orgulho LGBTQIAP+ quando conheci o projeto, isso colaborou ainda mais para minha visão de promessa marketeira mas, que, pensei só por estar com a proposta voltada à diversidade já poderia ser um diferencial de todos os treinos de futebol que já participei. Enfim, como alguém que conhece as artimanhas das falsas propostas pró-LGBTQIAP+, fiquei com esta pulga atrás da orelha. No entanto, para minha surpresa, tive um espanto: os jogos estavam embasados na comunicação e inclusão de fato. Eu não sou incluído apenas no jogo como o era quando tentava aprender futebol, eu estava sendo incluído nas estratégias do jogo, no próprio jogo como peça ativa de fazer dar certo. Não estou ali apenas para completar o número de jogadores, mas para ser incluso no funcionamento do jogo como um todo. Essa promessa de inclusão é ainda mais evidente pelas nossas rodas de conversa onde nos sentimos à vontade para expor nossas percepções de todos os jogos. De qualquer modo, me sinto muito bem por estar aprendendo futebol pela primeira vez e não ser excluído apenas por ser gay (DiMon).

As rodas e conversa com as quais iniciamos e encerramos as aulas também têm se constituído em espaços para debatermos a lógica externa (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012) dos futebóis (SOUZA JUNIOR et al., 2023). Em uma das aulas fizemos a leitura e discussão do texto “Um minuto de silêncio para tanto silenciamento: trajetórias esportivas transmasculinas” do Bernardo Gonzales, em outras debatemos episódios do podcast “Nos armários dos vestiários” produzido por Joanna de Assis e William de Lucca. Também discutimos nessas rodas de conversa episódios de racismo, misoginia, cultura do estupro e outras formas de violências estruturais cotidianas, tais como os recorrentes ataques racistas sofridos por Vinicius Junior; de jogadores e treinadores de futebol acusados ou condenados por estupro (Daniel Alves, Robinho e Cuca); da agressão sexual perpetrada pelo presidente da Federação Espanhola de Futebol contra a jogadora espanhola Jenni Hermoso, pelo beijo forçado na cerimônia de premiação pelo título da Copa do Mundo e mesmo da leitura de trechos de capítulos do livro “Do futebol moderno aos futebóis transmodernos: a utopia da diversidade revolucionária”, organizado por Osmar Moreira de Souza Junior, Denis Prado e Ricardo Souza de Carvalho. A dialogicidade mais uma vez se revela como elemento constitutivo das relações na abordagem de temas da lógica externa e inclusive da interna, possibilitando a problematização de situações-limite como a interdição do futebol a pessoas LGBTQIA+ em contraposição a experiências que buscam dar visibilidade e legitimidade a esses futebóis, colocando o futebol hegemônico cis-heteronormativo em perspectiva como não mais que uma das possibilidades de apropriação do futebol e nunca a única (SOUZA JUNIOR et al., 2023).





Alinhando-se à perspectiva dialógica, adotamos como referencial teórico-metodológico a Pedagogia do Jogo (SCAGLIA, 2017; THIENGO, 2020) a partir da parceria didático-metodológica com a “Ginga: futebol com alegria”. Nesta perspectiva, o jogo é assumido não como manifestação, mas como um estado, uma condição de absorção que pressupõe uma disponibilidade e entrega plena à experiência. Este estado de jogo permite aos/às jogadores/as a liberdade de manifestação e ação e é limitado pelos pólos da frivolidade e êxtase. O jogo neste contexto caracteriza-se por quatro dimensões: o desafio, o desequilíbrio, a imprevisibilidade e a representação.

Considerando que a grande maioria das pessoas participantes do projeto possuíam experiências muito limitadas com a prática do futebol, sobretudo em virtude das violências que historicamente se reproduziram nessa prática social de forma a rejeitar esses corpos que não correspondiam ao enquadramento da masculinidade hegemônica, a estruturação das aulas pautadas pela Pedagogia do Jogo, partia de uma proposta conceitual de “letramento futebolístico”, por meio da apropriação de conceitos do ponto de vista discursivo e corporal.

Um dos primeiros conceitos abordados tanto nas rodas de conversa como nas vivências experienciadas pela turma diz respeito ao deslocamento da centralidade da habilidade técnica para as três dimensões da dinâmica do jogo: relação com a bola, estruturação do espaço e comunicação na ação (GARGANTA, 1998; DAOLIO, 2002). Verbalizar esses e outros princípios nas rodas de conversa, para que os/as participantes identificassem a importância de se comunicar com companheiros e adversários e buscassem ocupar de forma mais inteligente os espaços de jogo movimentando-se de acordo com outros princípios tais como linha de passe e centro de jogo, passaram a orientar a forma como se relacionavam com o jogo de futebol, conforme é possível apreender pela fala de um dos participantes:

[...] com o projeto pude voltar a sentir a maravilha que é pisar em quadra e correr atrás da bola. Para além disso, o projeto superou as minhas expectativas, não foi só um ambiente acolhedor, mas também possibilitou a formação de vínculos com pessoas de diferentes cursos, idades e vivências, que provavelmente eu não faria. Também possibilitou o aprendizado estratégico do futebol, algo que eu nunca tinha me deparado. O projeto, com toda certeza, me ajudou no meu fortalecimento como sujeito, pois me deu a oportunidade de me relacionar comigo mesmo e um espaço esportivo, em meio a um espaço que é social, depois de muito tempo. Adoro o projeto e sempre faço propaganda dele, é muito bom fazer parte desse time (Miguel) (SOUZA JUNIOR et al., 2023, p. 431).

Por tudo o que foi apresentado, é possível afirmar que a combinação da Pedagogia Dialógica com a Pedagogia do Jogo nos permite esperar a radicalidade democrática





anunciada na utopia do título do projeto Futebóis e diversidade. Aprender a jogar e aprender mais que futebóis em contextos democráticos, dialógicos, seguros e acolhedores conferem ao projeto uma identidade distinta dos imperativos dos marcadores de privilégio do futebol moderno, tais como a misoginia, o racismo, a LGBTQIA+fobia, o capacitismo, o elitismo etc.

Aprender a jogar futebol de forma inteligente e cooperativa, fazer amizades genuínas, respeitar e sentir-se respeitadas, acessar memórias e experiências prazerosas nos futebóis, são exemplos da radicalidade democrática dos processos educativos emergentes e decorrentes da prática social Futebóis e diversidade. A utopia ou o inédito viável dos futebóis para todos, todas e todes está em curso (SOUZA JUNIOR et al., 2023).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendemos que a discussão sobre o ensino, vivência e aprendizagem precisa ocupar um espaço maior nas pautas do futebol/futsal, buscando romper com modelos que têm alimentado a lógica inatista e excludente. Como fenômeno sociocultural, pertence a todos, todas e todes, pois cada pessoa deixa nele sua contribuição humana, se apropriando do jogo de sua maneira particular. Então, a prática pedagógica deverá estar comprometida com o sujeito, proporcionando um ambiente acolhedor e de entrega voluntária ao jogo (REVERDITO; COLLET; MACHADO, 2022).

Nesse ensaio, assumimos a centralidade que o ensino deve assumir para conferir sentido ao futebol/futsal; em seu sentido mais pleno, o futebol/futsal só tem sentido se for compartilhado com outrem. Como fenômeno sociocultural, carregado de saberes, conhecimentos e valores que foram produzidos ao longo da história da humanidade, cabe a responsabilidade e compromisso com uma prática pedagógica capaz de tornar o jogo possível para todos/as/es de forma dialógica e consciente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BONFIM, Aira; GONZALES, Bernardo. Pós-hibernar: quando o futebol se desperta para uma pessoa transmasculina? In: SOUZA JUNIOR, Osmar Moreira; PRADO, Denis; CARVALHO, Ricardo Souza. **Do futebol moderno aos futebóis transmodernos: a utopia da diversidade revolucionária**. São Carlos, SP: EdUFSCar, 2023.

CONTI, Leticia Ferreira. **A prática pedagógica e a aprendizagem profissional: percepção de professores/treinadores de atletismo dos jogos escolares de Mato Grosso**. 2022. 97f.





Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade do Estado de Mato Grosso, Cáceres, MT, 2022.

DAOLIO, Jocimar. Jogos esportivos coletivos: dos princípios operacionais aos gestos técnicos-modelo pendular a partir das ideias de Claude Bayer. **Revista brasileira de ciência e movimento**, v. 10, n. 4, p. 99-104, 2002.

DUSSEL, Enrique. Transmodernidade e interculturalidade: interpretação a partir da filosofia da libertação. **Revista sociedade e estado**, v. 31, n. 1, p. 51-73, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020.

GALATTI, Larissa Rafaela e colaboradores. Pedagogia do esporte: tensão na ciência e o ensino dos jogos esportivos coletivos. **Revista da educação física**, v. 25, p. 153-162, 2014.

GARGANTA, Julio. Para uma teoria dos jogos desportivos coletivos. In: GRAÇA, Amândio; OLIVEIRA, José (Eds.). **O ensino dos jogos desportivos**. Porto, Portugal: Universidade do Porto, 1998.

GONZALES, Bernardo. "O lixo vai falar e numa boa". In: SOUZA JUNIOR, Osmar Moreira; PRADO, Denis; CARVALHO, Ricardo Souza. **Do futebol moderno aos futebóis transmodernos: a utopia da diversidade revolucionária**. São Carlos-SP: EdUFSCar, 2023.

GONZALES, Bernardo. **Um minuto de silêncio para tanto silenciamento: trajetórias esportivas transmasculinas**. Mídia Ninja. 2021. Disponível em: <<https://midianinja.org/bernardogonzales/um-minuto-de-silencio-para-tanto-silenciamento-trajetorias-esportivas-transmasculinas/>>. Acesso em: 07 out. 2023.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime., BRACHT, Valter. **Metodologia do ensino dos esportes coletivos**. Vitória, ES: UFES, 2012.

GUIMARÃES, Karen Letícia; BARREIRA, Júlia; GALATTI, Larissa Rafaela. "Ser mulher em um curso de futebol já é começar com um passo atrás": experiências das treinadoras em cursos da CBF Academy. **Movimento**, v. 29, p. 1-16, 2023.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

MACHADO, Gisele Viola; GALATTI, Larissa Rafaela; PAES, Roberto Rodrigues. Pedagogia do esporte e projetos sociais: interlocuções sobre a prática pedagógica. **Movimento**, v. 21, n. 2, p. 405-418, 2015.

MARTINS, Mariana Zuaneti; SILVA, Bruna Saurin. Incorporar meninas nas aulas de esporte: pensando possíveis articulações entre os estudos de gênero e a pedagogia do esporte. **Pensar a prática**, v. 23, p. 1-23, 2020.





MEIER, Marianne. The value of female sporting role models. **Sport in society**, v. 18, n. 8, p. 968-982, 2015.

MOREIRA, Evando Carlos; REVERDITO, Riller Silva. **Estudos e pesquisas sobre futebol/futsal: da consciência filosófica à prática consciente**. Cáceres, MT: UNEMAT, 2023.

OLIVEIRA, Rogério Cruz de; DAOLIO, Jocimar. Na "periferia" da quadra: educação física, cultura e sociabilidade na escola. **Pro-posições**, v. 25, p. 237-254, 2014.

OLIVER, Kimberly L.; HAMZEH, Manal; MCCAUGHTRY, Nate. Girly girls can play games/las niñas pueden jugar tambien: co-creating a curriculum of possibilities with fifth-grade girls. **Journal of teaching in physical education**, v. 28, n. 1, p. 90-110, 2009.

OLIVER, Kimberly L.; KIRK, David. **Girls, gender and physical education: an activist approach**. Londres, Inglaterra: Routledge, 2015.

PASSERO, Julia Gravena e colaboradores. Futebol de mulheres liderado por homens: uma análise longitudinal dos cargos de comissão técnica e arbitragem. **Movimento**, v. 26, p. 1-18, 2020.

REVERDITO, Riller Silva; COLLET, Carine; MACHADO, João. Pedagogia do esporte: desafios e temas emergentes. **Corpoconsciência**, v. 26, n. 2, p. 82-98, 2022.

SCAGLIA, Alcides José. Pedagogia do jogo: o processo organizacional dos jogos esportivos coletivos enquanto modelo metodológico para o ensino. **Revista portuguesa de ciências do desporto**, p. 27-38, S1A, 2017.

SCAGLIA, Alcides José; REVERDITO, Riller Silva. Perspectivas pedagógicas do esporte no século XXI. In: NISTA-PICCOLO, Vilma Leni; MOREIRA, Wagner Wey (Org.). **Educação física e esporte no século XXI**. Campinas, SP: Papyrus, 2016.

SILVA, Bruna Saurin; MARTINS, Mariana Zuaneti. **O futebol e as meninas**. Recife, PE: IFPE, 2023a.

SILVA, Bruna Saurin; MARTINS, Mariana Zuaneti. Ensinando o esporte a partir do ponto de vista feminista: tensões da epistemologia feminista para a pedagogia do esporte. **Corpoconsciência**, v. 27, p. 1-16, 2023b.

SOUZA JUNIOR, Osmar Moreira e colaboradores. **Futebóis, diversidade e dialogicidade: práticas sociais emergentes do projeto de extensão Academia ProFut - Do futebol moderno aos futebóis transmodernos: a utopia da diversidade revolucionária**. São Carlos, SP: EdUFSCar, 2023.

THIENGO, Carlos Rogério. **Ginga futebol com alegria: proposta pedagógica**. Bauru, SP: Autor, 2020.



**Dados do primeiro autor:**

Email: marianazuaneti@gmail.com

Endereço: Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação Física e Desportos.

Universidade Federal do Espírito Santo. Goiabeiras. CEP: 29075-910 - Vitória, ES – Brasil.

Recebido em: 20/12/2023

Aprovado em: 21/12/2023

Como citar este artigo:

MARTINS, Mariana Zuaneti; SOUZA JUNIOR, Osmar Moreira de; REVERDITO, Riller Silva. Ensino, vivência e aprendizagem do futebol/futsal: emergência de uma prática pedagógica dialógica e consciente. **Corpoconsciência**, v. 27, e.16881, p. 1-17, 2023.

Apoio/Financiamento:

Programa Academia e Futebol, Ministério do Esporte.

